



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL

MITHIELE DA SILVA SCARTON

MULHERES E CULTURA:
UMA ANÁLISE SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA EM *HISTÓRIAS DA GRAVANA*,
DE OLINDA BEJA

CERRO LARGO/RS
2019

MITHIELE DA SILVA SCARTON

MULHERES E CULTURA:

UMA ANÁLISE SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA EM *HISTÓRIAS DA GRAVANA*,
DE OLINDA BEJA

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciado em Letras da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz
Coordenador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz

CERRO LARGO/RS

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Scarton, Mithiele da Silva

Mulheres e cultura: uma análise sobre a condição feminina em Histórias da gravana, de Olinda Beja / Mithiele da Silva Scarton. -- 2019.

37 f.

Orientador: Doutor Demétrio Alves Paz.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Letras-Português e Espanhol-Licenciatura, Cerro Largo, RS , 2019.

1. Conto. 2. Literatura Santomense. 3. Escrita Feminina. 4. Olinda Beja. 5. Representação feminina. I. Paz, Demétrio Alves, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MITHIELE DA SILVA SCARTON

**MULHERES E CULTURA: UMA ANÁLISE SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA
EM HISTÓRIAS DA GRAVANA, DE OLINDA BEJA**

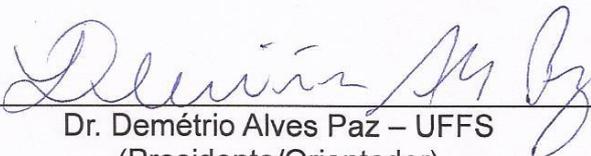
Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Dr. Demétrio Alves Paz

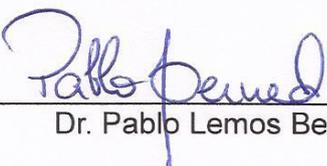
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

27/06/2019

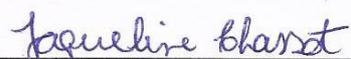
BANCA EXAMINADORA



Dr. Demétrio Alves Paz – UFFS
(Presidente/Orientador)



Dr. Pablo Lemos Berned – UFFS



Ms. Jaqueline Chassot – UFFS

RESUMO

O presente trabalho analisa a condição feminina em 7 contos da obra *Histórias da Gravana* (2011), da escritora santomense Olinda Beja, por meio do estudo sobre a representação da mulher em São Tomé e Príncipe. Temos, em um primeiro momento, a relação dela com um tempo e espaço de pré e pós - independência e, posteriormente, a preocupação em conhecer tal condição nos dias de hoje. Toda a análise baseia-se na leitura de obras críticas de especialistas sobre a literatura em São Tomé e Príncipe, como Hussel Hamilton (2006), Inocência Mata (2008), Inara de Oliveira Rodrigues e Thaíse Santos (2011), artigos científicos com dados sobre a situação das mulheres no país e, ainda, de escritoras e teóricas feministas como Angela Davis (2017), Marcia Tiburi (2018) e Chimamanda Ngozi Adichie (2014), que fundamentam as análises sobre a condição da mulher. Por último, a busca por artigos específicos sobre a autora visam maior conhecimento acerca de sua fortuna crítica visto que esta ainda é pequena em nosso país. Nas análises, temos divisões sobre o assunto principal tratado em cada um dos contos, por isso subdividimos as análises em três momentos: a primeira subdivisão refere-se em especial às mulheres que são motivações para gerações futuras ou que encontraram caminhos para acabar com suas angústias; a segunda faz referência às que vivem sob mandos dos homens que creem ser donos de suas vidas; por último, as que são vítimas do abandono, acabando por ter de sustentar seus filhos sozinhas. Nesse sentido, busca-se a representação da mulher enquanto protagonista na obra de Olinda Beja, visto que *Histórias da Gravana* é um universo repleto de histórias que refletem a vida em São Tomé e Príncipe. Nos contos, além do encontro com o clima mais ameno e seco da Gravana, nos deparamos com personagens que resgatam a cultura do país, que é desvendada por meio da narrativa poética de Olinda Beja, deixando-nos deleitarmos nas histórias de vida das mulheres de sua terra natal.

Palavras-chave: Conto. Literatura Santomense. Escrita Feminina. Olinda Beja. Representação feminina.

RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo analizar la condición femenina en 7 cuentos de la obra *Historias da Gravana* (2011), de la escritora santomense Olinda Beja, por medio del análisis sobre la mujer en Santo Tomé y Príncipe. Tenemos en un primer momento la relación de ella con un tiempo y espacio de pre y post-independencia y posteriormente la preocupación en conocer esa condición en los días de hoy. Todo análisis se basa en la lectura de obras críticas de especialistas sobre la literatura en Santo Tomé y Príncipe, como Hussel Hamilton (2006), Inocencia Mata (2008), Inara de Oliveira Rodrigues (2011), artículos científicos con datos sobre la situación de las mujeres en el país y también de escritoras y teóricas feministas como Angela Davis (2017) (2017), Marcia Tiburi (2018) y Chimamanda Ngozi Adichie (2014), que fundamentan los análisis sobre la condición de la mujer. Por último, artículos específicos sobre la autora visan un mayor conocimiento sobre su fortuna crítica ya que todavía es pequeña en nuestro país. En los análisis tenemos divisiones sobre el tema principal tratado en cada uno de los cuentos y que subdividimos en tres momentos: la primera subdivisión se refiere en especial a las mujeres que son motivaciones para generaciones futuras o que han encontrado caminos para abatir sus angustias; la segunda a las que viven bajo mandos de los hombres que creen ser dueños de sus vidas; por último, las que son víctimas del abandono, acabando por tener que sostener a sus hijos solas. En ese sentido, se busca la representación de la mujer como protagonista en la obra de Olinda Beja, visto que *Historias da Gravana* es un universo repleto de historias que reflejan la vida en Santo Tomé y Príncipe. En los cuentos, además del encuentro con el clima más ameno y seco de la Gravana, nos encontramos con personajes que rescatan la cultura del país, que es desvelada por medio de la narrativa poética de Olinda Beja, dejándonos deleitar en las historias de vida de las mujeres de su tierra natal.

Palabras clave: Cuento. Literatura Santomense. Escrita Femenina. Olinda Beja. Representación femenina.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
2	A ESCRITA CONTEMPORÂNEA DE OLINDA BEJA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	10
3	<i>HISTÓRIAS DA GRAVANA</i> COMO EXPRESSÃO DE PERTENCIMENTO E LUTA	14
4	AS MULHERES NOS CONTOS DE <i>HISTÓRIAS DA GRAVANA</i>	20
4.1	O FEMINISMO COMO MOVIMENTO PARA UMA VISÃO CRÍTICA DA SITUAÇÃO DA MULHER SANTOMENSE.....	20
4.2	AS MULHERES E O DIREITO DE SER: MOTIVAÇÃO PARA GERAÇÕES FUTURAS	21
4.3	AS MULHERES <i>versus</i> A “SOBERANIA” MASCULINA	27
4.4	A SOLIDÃO: UMA CONSTANTE NOS LARES SANTOMENSES	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS.....	36

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura africana de língua portuguesa nasce sob um processo de colonização. Temos, por isso, marcas de uma história de resistência de povos, costumes e de línguas que, após anos de subjugação, reconhecem agora sua voz. Segundo Hamilton (2006, p.21), “a independência permitiu que muitas obras proibidas durante o período colonial fossem publicadas nos novos países africanos e em Portugal”. O crítico ainda explica que as reivindicações culturais e protestos sociais eram comuns, característica de países recém-libertos. A necessidade de consolidação de uma literatura propriamente africana impulsionou a sua formação, construindo-se sobre processos de afirmação acerca da cultura desses países e distanciando-se daquela que fora imposta pelos portugueses.

No âmbito da independência, os escritores sentiam-se encorajados a publicar obras, em sua maioria, de cunho nacionalista. Essa necessidade de fazer reviver a cultura e de afirmá-la fez com que as primeiras produções girassem em torno da formação de uma literatura que legitimasse costumes das comunidades africanas. Conforme Pereira (2015, p.55),

Acompanhando as transformações sociais e políticas, a formação das literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) é fruto de um doloroso e longo processo transcultural, que vai da completa alienação na qual as Áfricas de maneira geral foram imersas, passando pela libertação desse estado – onde a literatura teve um papel fundamental ao engajar-se nas raízes profundas da realidade social.

O poema *A nossa geração*, de Marcelo da Veiga, escrito em 1965, como aponta Mata (1998, p.43), “é expressão do (desejo de) advento de uma outra geração nacionalista e literária”. O poema é considerado por ela como “um hino à geração do sonho”. Dessa geração fazem parte Francisco José Tenreiro, Tomás Medeiros, Manuela Margarido e Alda do Espírito Santo, que darão um novo impulso ao sentimento de pertencimento que chamaremos, em consonância com Mata (1998), “são-tomensidade literária”. É em Alda do Espírito Santo que se destaca a relevância quanto à produção literária pós-independência vinculada à situação da mulher em São Tomé e Príncipe (MATA, 1998, p.55), o que nos interessa, tanto pela temática, como por garantir o espaço da mulher escritora dentro do cânone literário do país.

São Tomé e Príncipe, conquistada a independência em 1975, teve, como nos diz Hamilton (2006, p.31), “um surto de atividade literária”. Depois do período colonial, constatou-se que o núcleo de escritores do país poderia sustentar um movimento literário. Grande parte dessa conquista se deve à volta de Alda do Espírito Santo de Portugal, que, em 1986, ajudou a fundar a Associação dos Escritores e Artistas São-tomenses, contando com mais de 70 membros que, assim como a escritora, “procuraram lançar os alicerces de uma literatura de e para uma nova nação”. (HAMILTON, 2006, p.32)

Ao analisar parte desta consolidação da literatura africana de língua portuguesa em São Tomé e Príncipe, atentamos à escrita contemporânea de uma mulher que impulsiona o sujeito feminino como protagonista em suas obras, Olinda Beja, autora da obra *Histórias da gravana* (2011), objeto de análise desse trabalho, apresenta aos leitores de seu tempo narrativas que mesclam ficção e História, revelando experiências de vida que transpassam uma simples análise cotidiana de seus leitores, buscando levá-los ao conhecimento da vida santomense. As histórias, como é apontado no prefácio da obra, são

Histórias de amores desencontrados, muitas vezes sofridos, em que avultam as figuras da mãe e da avó, como protetoras da família a que quase sempre falta o homem, enredado ou na poligamia que a cultura local não condena ou, o que era pior, fugido do meio do povo para o seu estratificado ambiente da roça ou da cidade metropolitana (TRIGO, 2011, p. 14-15).

Assim, em meio ao contexto de um passado doloroso, quando a ilha ainda fervilhava sobre a euforia do cacau, ou em tempos de pós-independência, que fazia sonhar dias melhores, as mulheres africanas de São Tomé e Príncipe serviram, ora como escravas dos senhores brancos e de senhores de sua própria cor e nacionalidade, ora como mães, trabalhadoras na roça ou donas de casa que agora contam histórias de luta e submissão nesse país do meio do mundo.

A história fica mais presente no conto “Homenagem”, escrito para lembrar todas essas mulheres que viveram antes da independência do país. No final, há um apelo àquelas que estão, hoje, no século XXI, colhendo os frutos amargos de um passado que pouco reconhecimento trouxe à mulher

Demos as mãos, mulheres de todas as cores, mulheres das ilhas do meio do mundo, das ilhas onde o cacau ainda é amargo e sejamos, nem que

apenas uma vez na vida, unidas e firmes no gesto de homenagem que elas merecem, elas, todas as corajosas mulheres que vieram antes de nós abrir os sulcos da escuridão onde plantaram o cacau e o café que ainda hoje, todos nós saboreamos (BEJA, 2011, p.58).

A partir desse apelo, Olinda Beja, além de trazer a mulher em um pré e pós-independência deixa-nos em constante questionamento sobre as mulheres que são filhas e netas das que enfrentaram esse período. Para entender a força que o passado exerce sobre o presente, relacionamos os contos com dados atuais das ilhas, para compreender esse pedido a todas que vivem no país.

Frente a esse protagonismo das personagens femininas na obra em estudo, pensaremos na mulher enquanto modificadora da sociedade santomense, ou seja, acreditamos na força e determinação dessas mulheres vítimas de uma sociedade patriarcal, na qual cabe a elas o papel de educadora e de sobrevivência. Há, por isso, um acúmulo de trabalho e, conseqüentemente, de vida, não só delas, mas dos que delas dependem. Aprofundaremos questões sobre a historicidade (situação dessas mulheres em tempos de colonização) enquanto elemento norteador na construção da figura feminina nos contos e na atualidade; a representatividade da mulher enquanto sujeito ou objeto na sociedade em que vive¹; as relações de poder que se incorporam como norteadoras do rumo que a vida das personagens toma a partir de teorias feministas; e a construção de uma santomensidade (identidade de São Tomé e Príncipe) na obra, tendo em vista o grande período de colonização portuguesa, buscando dar voz a todas essas mulheres que viveram, e as que hoje ainda vivem, resignadas em uma sociedade machista.

2 A ESCRITA CONTEMPORÂNEA DE OLINDA BEJA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

As narrativas da obra, que são o objeto de análise, fazem-nos recorrer à observação da relação entre mulher e sociedade, em especial à relação com os homens, os quais, por muitas vezes, delineiam o futuro dessas mulheres como veremos nos contos. A partir disso, a análise considera tal vínculo como determinante na vida dessa mulher enquanto sujeito ou objeto. Com base em pesquisas em sites sobre São Tomé e Príncipe, assim como em livros de escritoras

¹ Entendemos por sujeito o ser ativo, e objeto o ser passivo. No caso das mulheres, ativo quando têm voz sobre suas escolhas, e passivo quando as decisões sobre suas vidas não são delas.

teóricas feministas, algumas mundialmente reconhecidas, procuramos perceber não só as relações de gênero que perpetuam nesses espaços, mas também re(conhecer) outros fatores que delimitam/determinam a realidade dessas mulheres.

Apesar da repercussão do sujeito feminino enquanto protagonista na obra, pensamos na objeção que se destaca dentro da literatura Africana contemporânea, em especial à Santomense, quando apontamos a falta da produção feminina. Sobre essa contradição, acrescentamos o que Thomas Bonnici (2011) traz sobre a formação do cânone literário.

A formação do cânone literário e sua consolidação estavam (e estão) atreladas ao poder da classe dominante. 'Portanto, a escolha e a interpretação de determinados autores e livros e, concomitantemente, a exclusão de outros, são tarefas poderosas executadas a partir de uma posição social que reflete a ideologia de quem julga e interpreta' (BONNICI, 2011 apud MARTINS, 2018, p.1).

Nesse cenário, vale ressaltar que grupos minoritários vêm buscando espaço dentro do campo literário. No entanto, o protagonismo de uma escrita já constituída de autores homens reconhecidos dificulta a promoção de uma literatura que poderia romper os padrões hegemônicos. A literatura escrita por mulheres é um exemplo, e, na obra em questão, traz a mulher como protagonista que, além de refletir seu cotidiano nas ilhas, promove voz e representatividade a tantas santomenses que, por muito tempo, não exerceram seu papel majoritário na escrita, assim como exercem em tantos setores das ilhas.

Segundo Martins (2018, p.2), no caso específico das obras de autoria feminina, "apesar da existência de escritoras em momento bem anterior ao atual (conforme atestam inúmeras pesquisas realizadas, contemporaneamente, como as desenvolvidas por Zahidé Lupinacci Muzart), poucas foram as que tiveram visibilidade". Apesar da obscuridade/minoria da literatura escrita por mulheres em função dos grandes cânones literários, é possível apostar na crescente reconfiguração desse cenário já que há contínua produção e estudo de obras escritas por mulheres dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) no Brasil. Em São Tomé e Príncipe, como constata Martins (2018, p.8-9), "ainda no período colonial, surgem nomes como os de Alda Espírito Santo e Maria Manuela Margarido, escritoras que, contrariamente a Sara Pinto Coelho e a Aurora Jardim,

inscreveram sua poesia num projeto claramente nacionalista”. O compromisso político e nacionalista na luta contra o colonialismo chama a atenção da estudiosa.

No cenário atual, Martins (2018, p.9) destaca o nome de Olinda Beja como a autora com mais obras publicadas em São Tomé e Príncipe e acrescenta que, “trilhando pelas mais variadas formas de expressão textual (conto, romance, poesia), Olinda Beja se destaca também por ter obras traduzidas para o espanhol, francês, inglês, chinês e esperanto”. Também é destacado o Prémio Literário Francisco José Tenreiro, que foi conquistado em 2013 pela escritora, atribuído à coletânea de poemas *À sombra do oká* e seu livro *Um grão de café*, que entrou para o Plano Nacional de Leitura de Portugal em 2015.

Olinda Beja nasceu em Guadalupe, São Tomé e Príncipe, em 12 de fevereiro de 1946. Foi professora de Língua e Cultura Portuguesa em Lausanne (Suíça), onde reside. Obteve o Diploma Superior dos Altos Estudos Franceses da *Alliance Française* e, mais tarde, a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), pela Universidade do Porto. Fez ainda o Curso de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (LALP) pela Universidade Aberta.

Algumas de suas obras são: *Bô tendê?* (1992); *Leve, leve* (1993); *15 dias de regresso* (1994); *No país do tchiloli* (1996); *A pedra de Villa Nova* (1999); *Pingos de chuva* (2000); *Quebra-mar* (2001); *Água crioula* (2002); *A ilha de Izunari* (2003); *Pé-de-Perfume* (2004); *Aromas de Cajamanga* (2009); *O Cruzeiro do Sul* (2011); *A casa do pastor* (2011); *Histórias da Gravana* (2011); *Um grão de café* (2013); *À Sombra do Oká* (2015); *Tomé Bombom* (2016); e *Chá do Príncipe* (2017).

A autora de *Histórias da gravana* (2011), que aqui compõe nosso objeto de análise, ainda não possui grande fortuna crítica. No entanto, já podemos perceber que alguns estudos sobre sua obra estão sendo publicados, tendo em vista os artigos acadêmicos que utilizaremos para análise, assim como entrevistas com a escritora que revelam seu sentimento em relação ao lugar onde nasceu.

Na obra em análise temos desde o encontro com o primeiro conto, a descoberta de uma realidade enfrentada não somente pela mulher que é abandonada pelo companheiro, mas também pelas crianças que dependem tão somente da mãe, considerações essas que serão ressaltadas na análise dos contos. Refletimos, nesse espaço, a relação entre o contexto e os acontecimentos, ou seja, como Olinda Beja retoma o espaço enfatizando ou a “Estação das chuvas” ou a “Gravana”, tomando a divisão da obra a partir das duas estações predominantes do

país, o período de chuvas e o de seca, respectivamente. A primeira parte “Estação das chuvas...” é composta por seis contos e a segunda “Gravana”, por nove. Logo no início da obra, a autora explica que,

nesse perpassar de tempo, ora chuvoso, ora exultante de sol abrasador, vão-se costurando passagens de vidas pela ilha do chocolate, brumosas umas, perdidas já num esquecimento de ontem quando nossos avós se vergavam sob o peso de um trabalho escravo, contrato que humilhou e danificou corpos e almas enquanto o cacau frutificava e se expandia pelo mundo ocidental que não imaginava sequer o peso do sangue que ele transportava (BEJA, 2011, p. 7).

Durante a Gravana, estação que acaba quando quer acabar e na qual as chuvas são escassas, as histórias se desenvolvem com magia e, ao mesmo tempo, verdade sobre costumes, crenças e vivências do povo santomense. É o encontro de histórias delicadamente desvendadas agora pelos olhos dos leitores, em ritmo agradável e manso, assim como Olinda Beja as escreve. No prefácio da obra, Zuleide Duarte reitera sua admiração pela escritora santomense

Eis que chegaram as deliciosas narrativas da poeta e ficcionista Olinda Beja. Estação das chuvas, tempo de estiagem, ciranda Cirandina de amores, sonhos, desilusões. Matéria do sempre ouvido conto, canto e encanto. Entre os mistérios da vida e da morte, o diálogo com a natureza, cúmplice do humano, as histórias da gravana levam o leitor ao convívio estreito com homens e mulheres do povo, singularizados pela herança de uma cultura cujas referências se mesclam com o mágico e com o invisível, de dizibilidade apenas possível na linguagem poética (BEJA, 2011, p.17).

Dos dezesseis contos presentes na obra, sete serão analisados, são eles: “Homenagem”, “Filôzinha e a canção do mar”, “O amarrador de chuva”, “Os desencontros da língua”, “O pranto do ôssobô”, “Dasvidânia” e “Fé-em-Deus” visto que suas temáticas se direcionam à condição da mulher nas ilhas, situação que será problematizada e analisada sob viés teórico do feminismo e de autores que se interessam pela literatura africana em geral, e pela santomense em particular, tais como: Inocência Mata (2008), Thaíse de Santana Santos e Inara de Oliveira Rodrigues (2017), Izabel Cristina Oliveira Martins (2018) e Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (2015). Nos sete contos, percebemos três eixos temáticos: A mulher e o direito de ser: motivação para gerações futuras, aqui temos em foco mulheres que, com muita luta, buscaram sempre o melhor para si e para os seus; A mulher *versus* a “soberania masculina”, eixo no qual atentaremos para o poderio do

homem sobre a mulher; e em A solidão: uma constante nos lares santomenses, onde abordaremos a constante monoparentalidade nos lares das ilhas.

3 HISTÓRIAS DA GRAVANA COMO EXPRESSÃO DE PERTENCIMENTO E LUTA

Histórias da Gravana (2011), de Olinda Beja, é um universo repleto de narrativas que descrevem a vida em São Tomé e Príncipe. Nos contos, além do encontro com o clima mais ameno e seco da Gravana, nos deparamos com personagens que resgatam a cultura do país, que é desvendada por meio da veia poética da autora, rica em experiências de vida.

Em entrevista ao programa “Entre Nós” (2002), da Universidade Aberta, realizada por Raquel Santos, Olinda Beja deixa claro que, apesar de ter saído de São Tomé e Príncipe com dois anos e meio, quando foi para Portugal viver com a mãe adotiva, volta para seu país de origem, depois de 37 anos, em 1985, com um sentimento de paixão que, ao reencontrar a ilha, “já não é uma paixão, é um deslumbramento”. Antes de chegar à ilha, ela lembrava apenas de uma frase dita por sua mãe “MINAMUÊ” – Minha filha. Assim que regressa, consegue recordar os cheiros e a música e, ao ser questionada se escolheria Viver em Portugal ou no país de origem, responde: “Optaria por São Tomé e Príncipe... África é um chamamento, África está no sangue de todos nós”.

Esse chamamento é indispensável para refletir sobre o sentimento de pertencimento ao país como prova de uma santomensidade na escrita da autora. Vemos inúmeras referências à língua e à cultura como, por exemplo, ao lembrar-se da tristeza do som da “Pitu dôxi” (BEJA, 2011, p. 42), flauta tradicional santomense de sons melódiosos, ou falar sobre a proibição da língua, que “manteve-se firme como tronco de oká” (BEJA, 2011, p. 46), árvore de grande porte utilizada geralmente para fazer canoas.

Com a utilização destes termos e ao recordar sua cultura, que um dia fora silenciada, o narrador constrói a identidade das mulheres dentro dos contos. Santos e Rodrigues (2017) apontam que essas literaturas tentam dar voz a tudo que um dia foi silenciado pelo regime colonial e agora constroem identidades fora de estereótipos comumente dados a esses mesmos povos. Nesse sentido, segundo Mata (2000 p.1), “o pós-colonial pressupõe uma nova visão da sociedade que reflete

sobre a sua própria condição periférica, tentando adaptar-se à lógica de abertura de novos espaços”. Sob o mesmo viés, entendemos a obra de Olinda Beja como um “contar” sobre a cultura fazendo-nos conhecer um pouco mais sobre sua ilha, sua gente, suas mulheres, suas histórias.

O espaço que habita todas as narrativas é de exploração. Primeiro, quando consideramos a figura feminina; depois, quando recordamos o período turbulento de exploração nos anos 50 e que resultou no massacre de Batepá, período de resistência contra imposições da metrópole sobre o povo santomense, período que é recordado ao ser escolhido como pano de fundo de algumas histórias. Como apontam Santos e Rodrigues (2017, p. 340) sobre a obra, “seu lugar de enunciação é Batepá, palco do maior massacre da história de São Tomé e Príncipe. A partir desse local, ela recorre a elementos da sociedade e da cultura do país”. Beja evoca, por isso, o símbolo máximo da opressão colonial e ponto de partida para a resistência política e cultural, acrescentando, por meio dos contos, as circunstâncias que os personagens da obra vivem, resgatando um passado que negou a existência de um povo, que, mesmo após anos da revolta, mantém vivo o sentimento de jugo colonial, tendo na mulher o personagem protagonista diretamente afetado, sendo pela exploração do corpo ou da mente que busca a liberdade, esta, como veremos, ainda não conquistada.

As experiências das personagens ganham vida nos contos de Olinda Beja. Seu amor e conhecimento sobre as ilhas sustentam, não somente essas histórias, mas também o que a autora diz sobre a obra: “A ilha oferece tudo sem nada pedir em troca. Só que ainda ninguém se deu conta disso. Ainda ninguém se apercebeu que o paraíso está ali mesmo, a seus pés, a balouçar-se de norte a sul...” (BEJA, 2011, p. 7). A simetria persistente entre o contexto e quem escreve dá à *Histórias da Gravana* o reflexo desta descoberta, um desvendar do paraíso que emana aos pés de Olinda Beja.

Essa harmonia indubitável retrata nos contos o encontro entre a escritora e o país, um encontro de narrativas que mantém vivas as memórias sobre as ilhas, sobre as histórias que ouviu e que agora nos conta, a partir de uma familiaridade que redefine um olhar de carinho à sua terra, e de afirmação sobre o que é seu. A escrita identitária é comumente parte das obras das escritoras africanas, conforme afirma Rodrigues (2011, p.29):

se a literatura é resistência, resultado e reinterveniência no tempo histórico, o que se encontra nas narrativas atuais africanas de língua portuguesa é a problematização da situação dos migrantes, colonizados, exilados, que apresentam uma nova confluência nas relações entre a ficção literária e a história.

A condição do povo, muitas vezes apresentada nos contos, refere-se à liberdade (ou a falta dela), à saudade, à exploração. No prefácio da obra, esse sentimento de santomensidade é observado, pois “Olinda Beja revisita a sua África e permite a nós, num estilo escorreito, o reencontro com o passado colonial, para melhor perspectivarmos o futuro numa lusofonia sem preconceitos” (TRIGO, 2011, p. 16). O reencontro com o passado permite à escritora ressignificar o presente por meio de uma narrativa que explana a vida e cultura de São Tomé e Príncipe, como forma de consolidação em sua historicidade e lusofonia.

Apesar de a história deixar marcas de momentos tristes para as mulheres no período colonial, a independência do país trouxe consigo autonomia a muitas. Sequeira (2010) lembra que o ano em que o dia da mulher foi instaurado no calendário oficial é concomitante à data de Independência de São Tomé e Príncipe

Paradoxalmente, o ativismo das mulheres em movimentos que culminaram com a emancipação do país, encontrava correspondência com situações na qual elas, em sua maioria, estavam circunscritas ao ambiente doméstico, independentemente de trabalharem em empresas agrícolas (SEQUEIRA, 2010, p.32).

Assim, além da consolidação de uma cultura de amor à pátria que pertence, Beja torna indispensável pensar na mulher enquanto sujeito modificador da sociedade, ou seja, deposita em seus contos a crença sobre a força e determinação daquelas que, depois de serem vítimas da opressão, estão a buscar novos horizontes.

Hoje, apesar de a mulher garantir a segurança alimentar e nutricional do país, como a própria ministra da saúde e assuntos sociais de São Tomé, Angela Ramos ressalta, muitas vezes a violência doméstica ainda ocupa papel central na relação homem-mulher. Em São Tomé, a implementação de leis que assegurem o direito das mulheres está em constante transformação. A questão de gênero e emancipação fez ruir estereótipos que asseguravam o direito dos homens sobre elas. Tais estereótipos, ao deixarem de ser norteadores para a vida do casal, assustam aos homens, já acostumados à submissão por parte das esposas. Nesse

sentido, Abel Veiga, em sua revista online “Téla Nón” (2010) ao falar sobre a constante desigualdade de gênero no país, explica que,

Para além da violência doméstica, regista-se cada vez mais divórcios e separações. O lar, e a família que constituem o berço da sociedade estão a ruir aceleradamente. Talvez segundo observações em São Tomé, este facto deve-se também a interpretação que os casais fazem da questão do género determinando assim a qualidade da vivência conjugal. Muitos homens são-tomenses não se sentem nem cultural, nem psicologicamente preparados, para aceitar certas situações e novidades que a questão do género e as novas leis trouxeram para a sociedade, preferindo por isso ficar e viver sozinhos.

Quando aqui falamos em viver sozinhos, em grande parte essa afirmação está relacionada à não responsabilidade com o casamento e com a família, já que os homens, principalmente ao abordarmos a obra literária de Olinda Beja, abandonam os filhos e creem que não têm obrigação de cuidá-los. Grande parte das personagens presentes nos contos têm um companheiro e o principal objetivo do casal é ter um filho, no entanto, o compromisso futuro recai sobre a mãe que, não esporadicamente, acaba sozinha.

Em alguns contos, as mulheres são vistas como procriadoras e de nada mais servem aos homens, uma solidão que permanece na vida dessas mulheres quando “se dão conta que seus homens se espojam em ventres mais jovens” (BEJA, 2011, p.82). Esse assunto é recorrente em pelo menos um dos contos de *Histórias da Gravana*, mulheres que são vítimas da própria cultura que nada mais espera delas, senão mais filhos, trabalho, encargos e homens, estes sem qualquer sentimento de responsabilidade. Apesar de esse ser um assunto recorrente nos contos, em um momento de pré-independência, ainda hoje é presente. Sequeira (2010, p.34) acrescenta que as mulheres “enfrentam muitas vezes a dupla jornada de trabalho, acumulando funções profissionais e de cuidado da casa e dos outros, no geral sem a contrapartida masculina; e ainda estão sujeitas a vários tipos de violência de gênero”.

Em entrevista feita por Roberta Avillez (2015), Maria do Carmo Trovoadá, atualmente governadora do Banco Central de São Tomé e Príncipe, deixa claro que “o próprio processo de afirmação da mulher na sociedade encontra muitos bloqueios. Elas deixam-se, enfim, ficar pelo caminho”. Questionada por Roberta Avillez sobre a possibilidade de emancipação dessa mulher, a política Alda Bandeira relata que “a perspectiva é positiva e que houve evolução nas últimas décadas:

Antes a mulher não era livre, a mulher se quiser hoje pode ir longe” No entanto, ao refletir sobre ser livre, há percalços que podem contrariar tal afirmação. A mulher ainda hoje é vista como progenitora, uma das razões para que não possa “ser livre”; outra razão se encontra no papel da mulher como dona de casa ou “mulher de alguém”.

Segundo Abel Veiga (2010), “a tendência feminina de se emancipar, ou então colocar-se em pé de igualdade com os homens, sobretudo em alguns aspectos de vivência doméstica” acaba travando novas batalhas dentro do lar, já que os homens costumam a aceitar que as mulheres estão em constante luta por direitos.

Pensar na emancipação da mulher vai além. A mulher, historicamente vista como frágil e submissa, deve reconhecer não somente seus direitos, mas também sua força e fazer garantir políticas que a auxiliem na busca por sua emancipação – social e psicológica – visto que ainda se encontra em um espaço de frágil afirmação sobre o que exerce frente ao homem, cabendo também a ele pensar o papel dessa mulher na sociedade.

Chimamanda Ngozi Adichie aborda, em grande parte de suas obras, a questão do prejuízo que as mulheres sofrem pelo preconceito de gênero. A escritora e ativista exemplifica que,

O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensina-mos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são - Porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, *homens maduros* (ADICHIE, 2017 p. 29).

Esses mesmos *homens maduros* são criados com o pressuposto de que sua “virilidade” é algo a ser valorizado acima de tudo. Muitas vezes, o reconhecimento é feito às custas da liberdade de alguma mulher, que acredita ter encontrado alguém para formar uma família, mas converte-se em vítima ao ser abandonada. Um homem, a partir da cultura que Olinda Beja delinea, não prova que é homem se não “fizer um filho”. E essa criança é mais uma vez deixada nos braços de uma mulher.

Esse assunto é constante nos contos que fazem parte das *Histórias da Gravana*. Nesse livro, a cultura do abandono aos filhos e às mulheres é tão frequente que chega a fazer-nos pensar se é possível isso ser algo tão “natural”: a vida dessas crianças e dessas mães que acabam vítimas da pobreza, tendo em

vista que agora precisam sustentar-se e sustentar seus filhos. Na obra, é deixado claro que a cultura é assim. O conto “Dasvidânia” refletirá exatamente a naturalidade com que são tratadas as relações dos homens com suas mulheres.

De acordo com Avillez (2015), apesar da emancipação feminina, o aumento das responsabilidades das mulheres com a casa e os filhos ainda é alto: “Hoje, 39% das famílias são-tomenses são chefiadas por elas, que trabalham, por vezes, das 3 horas da manhã às 22 horas”, conscientes de suas responsabilidades pela renda familiar e tarefas domésticas. Outra questão alarmante em São Tomé e Príncipe é o alto índice de poligamia no país, tal como aponta o antropólogo alemão Gerhard Seibert (AVILEZ, 2015), cabe à mulher ser mãe como prova da feminilidade e como reafirmação da virilidade masculina. Com isso, após “eles” afirmarem-se como homens, a mulher é quem cria o filho sozinha.

Nesse sentido, é necessário reafirmar o que Adichie (2017) assinala sobre a participação da mulher na sociedade, visto que o reflexo do destino delas muitas vezes se dá pelo conjunto de fatores que as direciona para o mesmo caminho todas as vezes. Assim, pensamos que “a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (ADICHIE, 2017, p. 48). As mulheres precisam ser protagonistas de suas escolhas. Ser mãe, ser dona de casa, cuidar do marido, esses são os exemplos mais simples que são passados de geração em geração e que ainda se perpetuam. A culpa não é dessa mulher Santomense. Ela foi abandonada, foi “educada” para ser objeto de prazer e, após ser usada, ser substituída por outra. É a cultura que se torna pano de fundo para, mais uma vez, a mulher tornar-se personagem secundária. Dessa forma,

A questão de gênero é importante em qualquer parte do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente (ADICHIE, 2017, p.28).

Ao refletir sobre essa relação, ressaltamos as pessoas como mantenedoras de estereótipos alicerçados na cultura. Nesse sentido, a força do movimento feminista busca exatamente a mudança de princípios deliberados historicamente, tendo em vista que a mulher ainda é alvo de uma sociedade machista e dominada

por homens e há, em decorrência disso, a necessidade de uma luta que tenha como foco as mulheres e seus direitos. Portanto,

O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral - mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro (ADICHIE, 2015 p.42-43).

Nos contos, esse “círculo vicioso” é desmistificado e dito como costume, como parte da cultura. Nesse sentido, repensamos cada uma das palavras já mencionadas de Adichie referente a essa cultura que ainda persiste, apesar de toda luta de emancipação feminina que os movimentos, em especial o feminismo, buscam vencer há décadas.

4 AS MULHERES NOS CONTOS DE *HISTÓRIAS DA GRAVANA*

4.1 O FEMINISMO COMO MOVIMENTO PARA UMA VISÃO CRÍTICA DA SITUAÇÃO DA MULHER SANTOMENSE

Antes da análise dos contos faz-se necessário pensar em que tipo de feminismo nos apoiamos. Segundo Márcia Tiburi (2018),

Para começarmos nosso processo de compreensão sobre feminismo, podemos defini-lo como o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sobre injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. Nesse processo de subjugação, incluímos todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso: corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e manutenção da vida, para a produção do prazer alheio, que também compõe ampla esfera do trabalho na qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência (TIBURI, 2018, p.12).

As análises se direcionam a uma visão de mulher enquanto parte de uma sociedade, na qual servem a alguém. Nesse caso, servem aos filhos que, por vezes, dependem somente da mãe; servem ao homem, aquele que têm o corpo feminino como refúgio, mas ao não encontrar mais “aconchego” nestes corpos, visa companhias mais novas e férteis; homens que as possuem de mente, que dizem

quem são e o que devem fazer; servem à vida, aquela que consome seu tempo e obriga a tantos esforços.

4.2 AS MULHERES E O DIREITO DE SER: MOTIVAÇÃO PARA GERAÇÕES FUTURAS

O conto “Homenagem” é uma carta escrita à avó do narrador, que se constrói a partir das memórias dele sobre a anciã. Assim como diz o título, esse conto é uma homenagem, pois é um retrato de tempos passados que emocionam e elevam a figura da mulher no período colonialista do país, não deixando de dar enfoque à submissão da mulher ao homem branco que se tornou dono de seus corpos.

Em muitos excertos da narrativa, esse passado é evocado com angústia e sofrimento: “Gulosos foram depois os olhos dos homens que conheceram teu corpo, o desafloraram, o sulcaram e o encheram de saliências e reentrâncias como o sul da ilha, até o desfigurarem no rebentamento de tantas águas futuras e passadas” (BEJA, 2011, p.56). Essas lembranças, sejam elas boas ou ruins, são fonte de inspiração para as gerações que vêm, as gerações que ainda terão de lutar pelo direito a ter direitos.

A força/resistência dessa mulher também é retratada quando o narrador relata que: “Sem conto foram às vezes em que mostraste a teus netos as marcas que os carrascos te infligiram quando da revolta de Batepá. Nem a idade provecta que já tinhas te serviu de atenuante” (BEJA, 2011, p.57). A revolta de Batepá, uma das revoltas/massacres que impulsionou a independência de São Tomé e Príncipe e que tem na intolerância e na violência o eixo central, ocorreu em 1953, mas ainda hoje há reflexos de opressão e violência contra a mulher, deixando claro que a independência do país não chegou a todos os seus cidadãos.

A violência de gênero ainda é recorrente nas ilhas. Sequeira (2010) acentua a relação histórica desse processo que legitima os diferentes episódios de agressão que as mulheres sofrem ainda hoje

Qualificam-se nesse contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher diversos tipos de manifestação que incluem a violência psicológica, a moral e a patrimonial, passam pela violência sexual e chegam à violência física. A última destacada neste trabalho dada a sua ocorrência entre as santomenses, objeto aqui de estudo. A violência física contra a mulher, segundo Silva (1992), nada mais é do que a materialização exacerbada de

uma situação de violência anterior constituinte da relação entre os sexos. A relação entre homens e mulheres se fundamenta no controle mútuo, mecanismo necessário à preservação de felicidade, no ciúme, que sustenta a ideia da posse (inclusive do corpo da mulher), na autoridade que garante a supremacia masculina, e que é reforçada pela própria mulher quando, por exemplo, na condição de mãe, invoca a autoridade do companheiro, quando se trata de corrigir os filhos (SEQUEIRA, p.27, 2010).

No conto em questão, a violência é parte do cotidiano da mulher contratada (quase escrava), um “modelo de mulher” em um tempo passado, que sofreu duros castigos enquanto “posse” do homem branco. Sequeira (2010) expõe dados atuais da população santomense, em especial da mulher vítima de uma cultura patriarcal, que se mantém dentro dos lares pela própria vítima, pois é ela, muitas vezes, que provém o sustento da família e a educação dos filhos, mas ainda acredita na superioridade do homem neste ambiente.

O corpo das mulheres, no conto, é uma imensa recordação lamentável do sofrimento que experienciaram. Mulheres que foram o presente em um passado que pouco teve dó de seus corpos, tempo em que o cacau e o homem branco eram o carro chefe de suas vidas. O narrador diz:

Contaste, certa vez, que não vieste sozinha. Trinta e duas mulheres te acompanharam nesse êxodo que imaginaste de apenas poucos anos. Era a promessa para quem acreditava piamente no homem de cor diferente, no teu deus. E olha, minha doce avó, as mentiras já estavam forjadas num papel que nunca assinaste, nem tu nem elas, as que fizeram a mesma travessia num atlântico que também consumiu teus dias de espera [...] Onde pousam agora vossos corpos, nossas mães, nossas irmãs, nossas avós? Demos as mãos, mulheres de todas as cores, mulheres das ilhas do meio do mundo, das ilhas onde o cacau ainda é amargo e sejamos, nem que apenas uma vez na vida unidas e firmes no gesto de homenagem que elas merecem, elas, todas as corajosas mulheres que vieram antes de nós abrir os sulcos da escuridão onde plantaram o cacau e o café que ainda hoje, nem todos nós saboreamos (BEJA, 2011, p.57-58).

Percebemos claramente uma denúncia e um grito pela libertação de todas as mulheres santomenses vítimas da exploração da ilha e da exploração de seus corpos.

Uma das ativistas que luta pelos direitos das mulheres, em especial pelos direitos das mulheres negras, a estadunidense Angela Davis, deixa claro que a violência se estende desde o direito sobre o corpo até os direitos políticos. Davis (2017), em sua obra *Mulheres, cultura e política*, explica que as manifestações contra o direito reprodutivo/sobre o corpo das mulheres vão além,

Essas manifestações específicas da violência contra a mulher se situam em um espectro mais amplo de violência produzida socialmente, que inclui violações sistemáticas orquestradas contra os direitos econômicos e políticos femininos. Como tem ocorrido ao longo da história, essas agressões afetam mais gravemente as mulheres de minorias étnicas e suas irmãs brancas da classe trabalhadora. A terrível onda de estupro da atualidade, que se tornou tão generalizada a ponto de uma em cada três mulheres estadunidenses poder presumir que será estuprada em algum momento de sua vida, reflete de modo assustador a deterioração da condição econômica e social das mulheres. De fato, à medida que a violência racista em contexto nacional cresce- e que a agressão imperialista global se expande-, as mulheres podem supor que, individualmente, os homens estarão mais propensos a cometer atos de violência sexual contra aquelas que os cercam (DAVIS, 2017, p.42).

Nessa reflexão sobre os direitos das mulheres e luta contra qualquer tipo de violência, fica claro que os temas e discussões são pontuais para a conquista da liberdade e voz delas. Enquanto ainda formos vítimas do patriarcado, que dita regras sobre nossos corpos e nossas vidas, nunca estaremos efetivamente libertas. Olinda Beja nos faz refletir acerca dessa sociedade, discussão que se sobrepõe ao contexto santomense, quando reconhecemos a realidade enfrentada pelas mulheres das mais diferentes nações.

O conto “Filôzinha e a canção do mar” apresenta uma menina que queria mais do que estar a fazer coisas da casa, comumente ditas como obrigações da mulher, pois desde criança queria ir pescar com o pai. Menina alegre, que cantou em toda sua infância e que, já adulta, encontrava mais alegria quando podia vender os peixes que o marido “piscadô” trazia-lhe. O narrador, em primeira pessoa, conta a vida desta mulher que sonhava apenas com o mar, já que coser uma saia godê, ou ainda um quimono, ela não queria, pois sonhava mesmo era em ouvir e cantar a canção do mar.

Quando pequena, o destino de sua mãe havia sido o mesmo de tantas outras mulheres. Seu pai, depois de estar muitos anos com a mãe de Filôzinha, foi para o sul e nunca mais voltou. Filôzinha ficou a cantar a canção do mar “como podia não saber que cantar é para esquecer tristeza?” (BEJA, 2011, p.82), ou seja, a música refletia a tentativa de esquecer as angústias, o que era constante em seus dias.

O narrador, que demonstra ter conhecido a mulher, acentua momentos marcantes da trajetória da personagem: “Todas as manhãs, quando estou na minha varanda de madeira no meio de Batepá é a voz de Filôzinha que me desperta a oferecer voador, voador só, mais nenhum outro peixe que só esse lhe trouxe

felicidade” (BEJA, 2011, p. 81). Além de contar sobre sonhos e esperanças da personagem, o narrador deixa claro o desfecho/futuro de Filôzinha;

[...] Já lá vão quase trinta anos quando, no florir de teus verdes sonhos, conheceste Timóteo, homem bonitão de verdade, e com a profissão com que sempre sonhaste, pescador! Sim Filôzinha, lembro-me muito bem de te ver passar aqui neste mesmo caminho os dois de conversa fiada, olhos nos olhos, uma alegria sem igual na resposta que me deste quando te perguntei o que fazia o teu homem “*Piscadô!*”, “Agora vou vender *pixi ê!*”, acrescentas-te num sorriso de pura felicidade[...].Pena foi teres ficado só. (BEJA, 2011. p.81)

“Só”. Não é incomum o uso desse termo quando se fala sobre o destino das mulheres de São Tomé. Apesar da beleza de viver no ritmo do mar a cantar sua melodia na constante busca de ser feliz, não estranha encontrar um final que representa tantos outros das ilhas do meio do mundo.

Filôzinha fora mais uma que, enganada por aqueles que fecundam os ventres das mulheres e não satisfeitos vão procurar meninas mais jovens, sustentou e criou seus filhos com o próprio trabalho. O final desse conto retoma a questão do abandono não somente dos filhos, mas da mulher que é “substituída”: “Quem quer agora viver com Filôzinha hein?!’ sempre a mesma solidão na vida das mulheres desta terra” (BEJA, 2011, p.82). Além do encontro com a música para espantar a tristeza, a solidão parece ser um dos pontos chave da discussão apresentada pelo conto, que explora, com toda clareza, uma triste realidade das mulheres santomenses, em especial, na criação dos filhos, como também acontece com Filôzinha “De Timóteo teve quatro crianças, de Argentino teve duas, de Fernandinho, seu derradeiro, teve mais três até que ele se cansou de sua canção e seguiu outro rumo” (BEJA, 2011, p.82). Como o próprio documento de Recenseamento do país aponta, ainda hoje a subsistência desses lares acaba sendo frequente e inviável o que acarreta uma “feminização da pobreza”,

Ao crescimento do número de famílias chefiadas por mulheres é também associado o fenómeno da feminização da pobreza, pois, geralmente são as únicas provedoras do lar o que tem implicações sobre o rendimento total da família. Estas famílias, geralmente, têm filhos e idosos a seu cargo, o que representa uma maior sobrecarga para a responsável numa hipotética situação de poucos recursos (RECENSEAMENTO, 2012, p.60).

Sequeira (2010) afirma que muitas mulheres esperam que os pais de seus filhos contribuam financeiramente na criação das crianças, no entanto, com a

inexistência de leis que assegurem isso, elas acabam criando-as sozinhas. Sequeira (2010, p. 46) aponta que “Deste modo, a pobreza das mulheres não tem repercussões apenas nas suas vidas, mas também na das crianças e na sociedade em geral”. Assim, com a crença sobre a irresponsabilidade dos pais para com os filhos, é única e exclusivamente da mulher o sustento do lar.

O primeiro conto da obra, que pertence à “Estação das chuvas” é “O amarrador de chuva”. Nele, há uma criança que fora criada pela avó, já que o pai, João Ribeiro, “nunca lhe emprestou nem carimbou o nome, mas lhe gostou muito muito, tanto por demais que o assentou sempre no colo, estreito e magro como seu perfeito corpo português” (BEJA, 2011, p.21). Nesse pequeno trecho, já é possível perceber o homem português como senhor da ilha, ainda colonizada e dominada pelos brancos. As mulheres, em especial, eram consideradas objeto, e quando não mais satisfaziam aos homens eram trocadas, como podemos perceber no seguinte trecho, quando a avó materna de Benzinho, filho de João Comboio, é apresentada pelo narrador:

Mukuma era alta e esbelta e depressa os olhos do feitor da roça onde trabalhava fizeram germinar em seu feminino ventre filhos e mais filhos até que por fim com o passar das estações se viu trocada e desdenhada por Adérita, outra contratada, que lhe levava no avanço apenas a idade que tinha (BEJA, 2011, p.21-22).

Kiata, mãe de Benzinho, foi fruto do amor de Mukuma com um pescador com quem foi feliz, mas que, por “ocaso” do destino, se fez ausente. Conforme Kiata foi crescendo, o amor que Mukuma sentia por ela passou à preocupação, e daí a medo, “medo de branco, de preto, de mulato, mas sobretudo de branco. Naquela época Branco era dono e senhor de tudo, de roça, de plantação, de castigos, de leis, de serviços, de seus corpos e de suas vidas” (BEJA, 2011, p.22). Quando a beleza da menina fosse ao encontro de algum dos olhos “maus”, nada haveria de fazer, por isso Mukuma sempre aconselhou a filha dos perigos de ser mulher.

Mesmo com todos os conselhos, Kiata deixou se levar pelos encantos e promessas de João Comboio. Ao acreditar, não mediu esforços para deixar que o fruto daquele amor viesse ao mundo, pois, como dizia Kiata, ele iria para a “terra de avô branco estudar muito” (BEJA, 2011, p.24). Kiata morreu ao dar à luz a Benzinho. Deixado pelo pai, foi criado pela avó que sempre o cuidou, mas o destino do menino ainda era uma incógnita.

Já crescido, sua avó descobre os poderes que transformariam a vida de Benzinho. Com o poder de amarrar chuvas, no dia em que a avó estava doente, conseguiu cessar a chuva para que o curador pudesse ajudá-la. Benzinho tornou-se especial: “falado, admirado e invejado pelos quatro cantos da ilha do café e do cacau sempre em flor” (BEJA, 2011, p.28). Como o conhecimento de seus poderes alastrou-se, recebeu a missão de não deixar chover no dia do casamento de Zumbi e Maiunga, mas, por um acaso do destino, acabou se apaixonando pela moça. Essa acabou sendo sua missão mais difícil.

O dia do casamento chegou e, como a época era a mais chuvosa de todas, a água continuava a cair até o momento em que a noiva precisou sair de casa. No último momento, o céu começou a abrir e a chuva a secar. Apesar da alegria momentânea, no dia seguinte, Benzinho foi encontrado morto. Realizou o pedido da mulher que mais amou e isso lhe custou a vida, pois toda a chuva havia sido desviada para a mesma vala em que Benzinho foi encontrado.

Neste conto temos Benzinho como protagonista, entretanto, reconhecer o protagonismo das mulheres de sua vida ainda é reconhecer a história dessas personagens. Temos na avó de Benzinho a história das mulheres contratadas que vieram à São Tomé e príncipe em busca de uma vida melhor, mas acabaram presas em uma nação que não lhes pertencia. A partir disso, Mukuma tem sua filha, da qual havia de cuidar para que os olhos dos senhores não a perseguissem. Posteriormente é dela também o “dever” de cuidar do neto e, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, conquista êxito nesses desafios enfrentados sozinhos.

Um dos excertos da obra que reflete a atuação das mulheres na vida de Benzinho é o seguinte: “rodeado de ancestrais e matriarcais rostos femininos, rostos de tias, de muitas tias, de primas, de vizinhas” (BEJA, 2011, p. 26). Relacionado a essa afirmação, Martins (2017, p.193) reitera que “o crescimento de Benzinho entre mulheres confirma a ausência masculina nos *luchans* das ilhas, seja por trabalho, seja por abandono do lar para contrair outros relacionamentos com mulheres mais jovens”.

Essa situação vivenciada pelo protagonista nada mais é que o reflexo de uma sociedade marcada pelo patriarcado, porque “A identidade da mulher africana é muito marcada pelos padrões de uma sociedade patriarcal cujos valores estão tão impregnados na sociedade que, tanto as mulheres como os homens acabam por considerá-los naturais” (Recenseamento, 2012, p.16). Essa visão ideológica, que

determina o que a mulher é, o que deve fazer e como deve agir, envolve a vida da avó e a da mãe de Benzinho que, ao ser criado por uma mulher, e não pelo pai, possivelmente perpetuaria essa cultura de abandono, pois não há a presença de uma figura masculina com uma imagem “positiva”, muito menos de um pai presente.

Nesse conto, enfatizamos ainda a dominação dos corpos dessas mulheres, em especial o corpo da avó, que serviu aos desejos do homem branco, e depois o mesmo destino se deu a sua filha. Todas mulheres, todas submissas, sem serem donas de seus próprios corpos. Com relação à luta do feminismo sobre o direito ao corpo, Tiburi (2018, p.37) salienta que

Não há nada mais absurdo para o patriarcado do que o direito ao corpo. Assim como é importantíssimo que as mulheres sejam donas da própria sexualidade e do todo do seu corpo, elas devem ser donas do seu corpo reprodutivo. As mulheres precisam reivindicá-lo, porque o corpo feminino, assim como o corpo marcado como negro e o corpo usado - como o do operário -, precisa ser devolvido a si mesmo [...] O feminismo nos ensina a lutar por isso. A lutar por um mundo em que os corpos e, com eles, a dignidade das pessoas, possam ser resgatados.

Aos corpos e às mentes delas restaram olhos famintos à espera de se satisfazerem. A mulher, no contexto da obra, não tem autonomia sobre o seu corpo, elas são submissas quando “doam” seus corpos aos homens que muitas vezes o fecundam e são submissas quando sozinhas sustentam os frutos de um amor já não mais correspondido. É oportuno acrescentar que na atualidade a subordinação destes corpos ainda é marcante quando se fala da relação homem e mulher em São Tomé e Príncipe.

4.3 AS MULHERES *versus* A “SOBERANIA” MASCULINA

Em nossa análise, percebemos o poder do homem sobre a mulher em todas as vezes que ela se manteve como objeto. Em “Os desencontros da língua” muitas passagens deixam explícitas as condições que as mulheres da ilha eram submetidas nos tempos da colonização.

Leontina conta diferentes histórias que se sobressaem pelo fato de apresentarem imposições que foram feitas com a chegada dos portugueses, não somente em São Tomé e Príncipe, mas em toda a África lusófona. A avó da personagem contava os dias difíceis, em que a cultura de seu povo foi silenciada,

dias nos quais sua língua, dita “língua de trapos” (BEJA, 2011, p.45) não era permitida, somente o Português. Além disso, dá foco às submissões que as mulheres de sua família eram expostas, relacionando-as à figura do homem como autoridade máxima.

A avó contava que, quando jovem, estava sujeita/condenada a ser do branco que a quisesse. Dizia a Leontina que “com o branco amor se faz em silêncio” (BEJA, 2011, p.46), revelando a violência e ideia de submissão atrelada ao corpo feminino negro em relação ao homem branco. Essa relação de poder do homem é resultante de contextos históricos marcados pela força e opressão, momentos que refletem, ainda nos dias atuais, uma superioridade do gênero masculino sobre o feminino. Sequeira (2010) afirma que,

Grosso modo, o gênero se refere ao conjunto de relações, atributos, papéis, crenças e atitudes que definem o que significa ser homem ou ser mulher, sendo que na maioria das sociedades, as relações de gênero são desiguais. Os desequilíbrios de gênero se refletem nas leis, políticas e práticas sociais, assim como nas identidades, atitudes e comportamentos das pessoas. As desigualdades de gênero tendem a aprofundar outras desigualdades sociais e a discriminação de classe, raça, casta, idade, orientação sexual, etnia, deficiência, língua ou religião, dentre outras (SEQUEIRA, 2010, p.25).

No conto, o poder do homem branco sobre a mulher, além da imposição da língua e da cultura dele, acentua as experiências vividas nesse tempo e as consequências atuais que tais atos acarretaram na vida das mulheres: a elas é atribuído o papel de donas de casa, mães, lavadeiras, faxineiras, não sendo vistas como sujeitos imbuídos de direitos, e que não conseguem reconhecer quais são, nem validá-los. Os direitos conquistados pelas mulheres até hoje ainda deixam a desejar quando negam a existência de uma jornada dupla de trabalho que muitas santomenses vivem. Há a necessidade de superar privilégios que a história assegura aos homens, que nunca precisaram buscar o reconhecimento de seus direitos quanto à liberdade, mas que, ao contrário, usufruem dela como sujeitos singulares, não levando em consideração suas esposas, nem mesmo filhos.

A avó Nandinha veio de Cabo Verde. Sonhava em regressar ao seu país, do qual sentia infinita saudade, no entanto, o tempo e a vida difícil não a permitiram. Leontina queria realizar o anseio da avó, apesar de ir contra sua mãe que tinha desejo por um destino diferente para a menina. Leontina não entendia o porquê daquilo:

E se um dia eu me casar com um rapaz de Cabo Verde? – Perguntei num jantar quase a queima-roupa. E voltou o castigo, voltaram os gritos, os meus e os de minha mãe, que isso são coisas que não se dizem nem a brincar, casar só com português... Ouviste bem Leontina? (BEJA, 2011, p.48).

Mas como o amor não escolhe morada, quando Leontina e sua mãe fazem uma viagem à Cabo Verde, ela ouve de um menino a seguinte frase: “Nha cretcheu...oh! Nha cretcheu!’ Nada de nada percebi. Só sei que o achei bonito, muito bonito. Talvez por isso ele me olhou outra vez, e os nossos olhares se cruzaram, agora mais demoradamente, um sorriso quase quase a aflorar” (BEJA, 2011, p.48). Mal sabia ela que essas palavras muito significavam, entretanto, a descoberta da tradução veio tarde. Ela perguntou à mãe o significado daquelas palavras, a mulher respondeu com um sorriso:

Perante a insistência do meu pedido e enquanto fazia a pausa da tarde, ela fez a tradução. Como era possível? ‘Cretcheu’ era amor em crioulo? Amor mesmo como em português? Pedi-lhe então, roguei, implorei que voltasse ao porto comigo. Talvez o encontrasse, talvez, era tão bonito! (BEJA, 2011, p.49).

Então a desabafar Leontina diz: “tivesse eu aprendido o seu linguajar crioulo e não teria deixado fugir o amor! Juro que não! Palavra de Leontina!” (BEJA, 2011, p. 49).

Referimo-nos, a partir da análise, às imposições feitas ao povo no que concerne ao uso da própria língua. A imposição sobre o não uso dela está relacionada ao poderio de uma cultura sobre a outra e, acima de tudo, no conto, de um homem sobre uma mulher. Na história, o pai de Leontina é quem obriga o uso do português, acarretando, muitas vezes em violência, esta direcionada a todas as mulheres que ali vivem, em especial à esposa, que é proibida de ensinar crioulo à filha. Essa violência, segundo Sequeira (2010, p.26), é “vista pelo feminismo como expressão radical da relação hierárquica entre os sexos no núcleo familiar”. Leontina, assim como a avó e a mãe, estava proibida de usar a língua de sua terra, não importa onde estivesse. A perda da própria cultura e da voz desse povo se mostra em forma de tristeza, já que a avó não poderia voltar para a ilha tão amada, nem mesmo ensinar a língua materna para a neta.

A narrativa demonstra o poder da supremacia masculina, que se estende tanto à esfera cultural quanto à de gênero, resultando na violência do mais forte

sobre a mais fraca. Tal hierarquia aponta, de acordo com Sequeira (2010, p.26), a “demonstração contundente de relação assimétrica, na qual o homem ocupa a posição de mando, podendo fazer valer a sua autoridade para punir, exigir e por vezes agredir outros componentes da família”. Muitas mulheres, ao longo de tanto tempo, foram silenciadas, foram vítimas, e ainda são, desse silêncio que custa a vida de muitas.

No conto “O pranto do ôssobô”, as circunstâncias de um amor proibido são o tema central. Siumara, que fora criada e educada por Maurício Pontes, um dos mais poderosos senhores de cacau, se apaixona por Florival, um dos trabalhadores da fazenda. Durante uma caminhada que a família fazia pela fazenda, Siumara viu o jovem trabalhador na encosta de uma jaqueira da qual os frutos eram para “eles”, os negros, comerem. No entanto, ao falar disso, o irmão de Siumara não percebe que ela pertencia a “eles”, pois é filha de uma negra. Siumara queria saber quem era o jovem que ali estava. A partir desse momento, os encontros entre os dois, com a ajuda de Muxima, sua fiel amiga, são recorrentes. Com o rapaz, Siumara descobre o amor, costumes e lendas daquelas terras, em especial a do ôssobô, o pássaro que canta para chamar a chuva, e o canto os acompanhava em todos os encontros.

Assim que Maurício Pontes descobre o que está acontecendo, sua principal decisão é mandar Siumara para a casa de uma tia paterna. Aos prantos, a menina se despede e vai embora. Florival, sabendo do destino que lhe estava reservado, resolve, sob uma jaqueira frondosa, dar fim a sua vida: “E só o ôssobô é que viu, só o ôssobô é que ouviu” (BEJA, 2011. p.44). A relação que o narrador faz entre o pássaro e a história desenvolve-se na narrativa de final triste, por meio da separação do casal e suicídio de Florival, a razão pela qual a chuva cai com o canto do ôssobô. Assim, Olinda Beja resgata uma ave comum das ilhas do meio do mundo e põe-na como testemunha de um amor proibido.

Siumara é mais uma menina/mulher que tem seu destino traçado por outra pessoa. Seu pai é seu dono, é quem toma as decisões. Essa menina é fruto de um caso fora do casamento, a mãe de Siumara talvez fosse mais uma das mulheres que se sujeitaram cumprir os desejos do “senhor”, e a esposa de Maurício Pontes, a mulher que aceita as traições do marido, como se isso fosse algo natural. Relacionam-se, assim, a vida dessas três mulheres sujeitas às escolhas e caminhos traçados por um único homem. Todas são vítimas por depender social e

economicamente deste “senhor de tudo”, em um espaço/tempo que não lhes garantia nada.

O poder que esse homem exerce sobre as personagens também reflete sobre as ideologias que vivemos. Ao falar sobre o patriarcado, Tiburi (2018) faz-nos pensar a respeito dessa forma de poder a que estamos submissas:

O patriarcado é também uma forma de poder. Ele é como uma coisa, uma geringonça feita de ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas, de dogmas e de leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios de gênero, sexuais, de raça, de classe, de idade, de plasticidade (TIBURI, 2018, p.40).

A autoridade masculina, em uma sociedade marcada pelo machismo, determina como essas mulheres devem se comportar. Siumara, a filha, deve casar-se com um homem rico; a mãe de Siumara deve satisfazer os desejos do sinhô; e a mulher de Maurício Pontes permanece em silêncio, pois sua opinião não é válida, ela não toma decisões.

Um dos personagens da história é livre, vive para lembrar dessa história que há muito aconteceu: “O ôssobô não canta para anunciar a chuva, o ôssobô chora por um drama que há muito presenciou e jamais esqueceu. E essa chuva que dizem que ele chama não é mais que suas lágrimas, essa chuva é o pranto do ôssobô” (BEJA, 2011, p.39). Mitos e lendas, misturados às vivências de mulheres de terras longínquas, transformam-se aqui em contos que encantam quando apresentam realidades que não são nossas, mas que, ao mesmo tempo, nos fazem sentir como parte e personagem de tudo aquilo que experienciam.

4.4 A SOLIDÃO: UMA CONSTANTE NOS LARES SANTOMENSES

O conto “Dasvidânia”, penúltimo conto da obra de Olinda Beja, inicia com a história de um homem que interfere na vida de duas mulheres. Início Bonfim, ainda muito jovem, tem de deixar a ilha para seguir seu sonho de tornar-se médico. Para isso, deixa, em São Tomé e Príncipe, a mulher de sua vida, Kitilua, que fora prometida em casamento, que seria realizado assim que Início voltasse da União Soviética.

O conto e o título, principalmente, trarão a experiência de outra cultura. O significado de Dasvidânia é “adeus”, esse mesmo adeus que não poderia deixar de ser dito pela personagem que não aceita a realidade a ela imposta ao ir da União Soviética para São Tomé e Príncipe. Isso se deve ao fato de que, nem sempre, uma cultura é aceita, ainda mais se esta causar, desde o início, espanto e certo medo.

Início Bonfim parte e com ele a esperança de Kitilua, que espera, mas não recebe mais notícias do amado. Ao chegar no novo país, a língua é um dos principais obstáculos a serem vencidos. Logo que se insere no meio acadêmico e começa fazer amizades, Início se encanta por Ludmilla Tchereskova, estudante de enfermagem.

O tempo foi passando e a barriga que esperava o filho de Início, crescendo. A notícia de que ele havia casado com uma russa mexeu com a vila de Guadalupe, que aguardava seu retorno. Início retornou com Ludmilla e seus dois filhos.

Kitilua esperava aquele regresso para vingar-se. Quando chegaram, ela pediu para que seu filho cumprimentasse a mamã russa que, ao ver aquela situação, desejava o momento da partida. Ludmilla viveu em Guadalupe por sete anos, ali conquistou gente, fez amizades e viu seu homem por muitas noites, sair escondido para ver outras mulheres, inclusive Kitilua que esperava mais um filho.

Ludmilla não conseguia entender o que a maioria das pessoas dizia a ela: “Aqui é assim, dona!... homem tem muita mulher!”(BEJA, 2011, p.101). Ela decide deixar a vila, com dor no coração, mas se despede dos que ali fizeram parte de seus dias. “- Chauê!...- Disse-lhes Ludmilla tentando esconder as lágrimas. [...] Dasvidaniaê!...- gritaram as crianças” (BEJA, 2011, p.102).

Quando percebemos os obstáculos que as personagens mulheres da obra de Olinda Beja enfrentam, refletimos acerca da cultura em que estão imersas. A partir disso, entende-se a necessidade da criação de leis, de movimentos que amparem essas mulheres e que deem aos homens responsabilidades, consideramos, como vimos anteriormente, a importância de tais movimentos para a emancipação da mulher que abdica dos sonhos para traçar caminhos que talvez não esteja preparada. Sequeira (2010) afirma que a monoparentalidade, além de colocar toda a responsabilidade dos filhos sobre as mães, ainda piora a situação econômica dessas mulheres, pois

A dependência em termos econômicos, a fraca instrução e a herança cultural fazem com que as mulheres tenham uma situação de subalternidade em relação aos homens. Para piorar esta situação, são elas a assumirem a maioria ou a totalidade das responsabilidades com os filhos, quer em termos de subsistência, quer em termos de educação, enfrentando a situação de monoparentalidade, ou seja, mães que sozinhas criam os seus filhos e assumem o comando do lar após os homens as deixarem (SEQUEIRA, p.46, 2010).

No conto “Fé-em-Deus” um dos temas que também é contundente é a questão da gravidez precoce. Elisa primeiro foi iludida pelo amor e pelas promessas de “seu homem”, Emerson. Depois, ao saber da gravidez, foi expulsa de casa pelo pai, e Emerson não a quis mais, pois ela era “Mulher rejeitada pela família” (BEJA, 2011, p.69) e a menina acabou sozinha. Seu destino estava nas mãos da tia Simoa, e por ela foi acolhida.

Sofreu muito, sofreu por descaso e por ter de enfrentar a pobreza com mais nove primos. Descobriu que Emerson fora para Lisboa. Adoeceu, ficou no hospital apenas em companhia da amiga. Tanto sofreu, tanto fez para ter seu filho que, quando este nasceu, deu a ele o nome de Fé-em-Deus “com tracinhos que o nome é nome de *minino* mesmo” (BEJA, 2011, p. 71). Esse sentimento único de amor a fez lutar e conseguir criar a criança.

Essa mulher, ainda que enganada pelo “seu homem”, buscou forças e venceu sozinha, pois, após tanto desprezo, conseguiu criar seu filho. Ele, aos 28 anos, faz agronomia em uma universidade e voltará para cuidar dos cacauzeiros que seu pai deixou para trás. E Elisa? “Apesar de cansada e doente ainda conserva no rosto aquele seu sorriso de menina-mãe” (BEJA, 2011, p.71).

O destino de Elisa não é só mais um caso de abandono, é a situação em que muitas mulheres se encontram após acreditar em algum homem que, por vezes, apenas as engana e deixa o filho nas mãos da mãe. O papel de pai e a responsabilidade com essa criança são deixados em segundo plano, opção de inúmeros homens que não se veem “prontos” para assumir tal compromisso ou encontram uma nova aventura amorosa. De acordo com o Recenseamento (2012), alguns dados atuais refletem a situação da personagem que acompanhamos no conto:

Relativamente à tipologia das famílias, os dados revelam que continua a haver uma diferenciação da responsabilidade dos agregados em função da tipologia da família. Assim, as mulheres, lideram famílias monoparentais (28,5% de chefes do sexo feminino contra 2,9% de chefes masculinos) e

monoparentais alargadas (19,6% de responsáveis femininas contra 1,9% do sexo masculino) (Gráfico nº 5.5). É possível compreender, portanto, que essas famílias muitas vezes têm condições de vida mais precárias e acabam por ser as mais pobres, pois as responsáveis (mulheres) são as únicas provedoras dessas famílias e muitas vezes têm que conciliar trabalho remunerado com trabalho reprodutivo (afazeres domésticos, cuidado de crianças e idosos, entre outros) sem qualquer ajuda de parceiros, enquanto nas famílias nucleares e conjugais há, geralmente, comparticipação de ambos cônjuges.

As mulheres chefes de família são minoria nas famílias unipessoais (10,6% de mulheres contra 21, 2% de homens) e nas conjugais (20% de mulheres contra 40% de homens). (RECENSEAMENTO, 2012, p.68)

A condição da mulher, enquanto sujeito, dá-se a partir do momento que encontra em si a possibilidade de escolha, limitada como vimos nas histórias, e subsistência. A condição da mulher enquanto dona de casa, mãe e esposa demonstra, nos contos, o quão submissa e dependente ela se torna, deixando que o homem decida seu destino, ou ainda a entenda como posse. Ou seja, se ela depende, em todos os aspectos do homem, ele entendendo essa dependência se torna senhor de tudo, mesmo que ignore tal fato quando abandona essa mulher para ir em busca de novas aventuras amorosas, reproduzindo de tempos em tempos as mesmas histórias de vida dessas mulheres das ilhas de Olinda Beja.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível pensar na mulher que tem o destino posto à escolha, não dela, mas do pai, ou do companheiro, que, por vezes, a abandona e também ao filho. A falta da voz feminina em um passado/contos situados em um pré e pós-independência retoma a ideia de submissão presente no cotidiano atual de muitas santomenses. A mulher que sofre por não poder ser dona do corpo e da mente é um tema do passado e do presente e, por esse motivo, retoma-se a importância de *Histórias da gravana* como fomentador de um olhar crítico à necessidade de ascensão da voz feminina em todas as nações. Segundo Adichie (2017, p. 59), “feminista é o homem ou mulher que diz: ‘Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar’. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” e por isso afirmamos, assim como o título da obra dessa autora, sim, “sejamos todos feministas”.

A realidade descrita na obra se faz presente em diferentes contextos, todos têm de melhorar. São Tome e Príncipe é mais um país que ainda deixa para a

mulher o papel de dona de casa, de mãe e de progenitora, mas este “destino” tem de ser aberto à escolhas, ele precisa ter voz, precisa que sejamos tão e somente livres, como sujeitos capazes de vencer estereótipos e vontades alheias.

Nós, por vezes, somos educadas para “ser de alguém”, e nos tornamos vítimas de uma cultura patriarcal que nos aprisiona em responsabilidades, mas que, ao mesmo tempo, “liberta” os homens. É a cultura que se torna pano de fundo para, mais uma vez, a mulher tornar-se personagem secundária.

Com o estudo, há o encontro de relações que estão alicerçadas na sociedade, em especial o sentimento de poder sobre a mulher. Tais temas precisam ser considerados tendo em vista a importância de discussões que ascendam a participação feminina, a fim de contribuir para a construção de novas fronteiras sobre a desmistificação de uma mulher frágil e dependente, com a intenção de perceber que essa feminilidade hoje se constitui de força e luta.

Pensar na independência da mulher é ir além. Deve-se reconhecer não somente seus direitos, mas também sua força e fazer garantir políticas que a auxiliem na busca por sua emancipação social e psicológica, visto que ainda se encontra submissa e crê em uma cultura que jamais a favorecerá.

Com isso, pensar na liberdade da mulher e do povo, ao nos referirmos à escrita de Olinda Beja como forma de reconhecimento, é criar espaço para diálogo dentro e fora do âmbito acadêmico. Tendo em vista que o sujeito feminino se encontra em constante descoberta de emancipação, de força e, acima de tudo, de responsabilidade por futuras gerações, é importante a descoberta de novas vozes de empoderamento e construção da representatividade feminina, tanto na escrita de obras literárias, quanto como em personagens femininas envolvidas em espaços de luta e resistência.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AVILEZ, Roberta. **Mulheres de São Tomé e Príncipe entre a família e a carreira profissional**. 23 Fev de 2015. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-002/mulheres-de-s%C3%A3o-tom%C3%A9-e-pr%C3%ADncipe-entre-a-fam%C3%ADlia-e-a-carreira-profissional/a-18265431>> Acesso em: 10/out./2018.

BEJA, Olinda. **Histórias da Gravana**. São Paulo: Escrituras editora, 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

HAMILTON, Russell. Introdução. IN: CAMPOS, Maria do Carmo S; SALGADO, Maria T. **África e Brasil: Letras em laços**. Yendis editora: São Caetano do Sul, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Mulher em São Tomé e Príncipe**, RGPB-2012. São Tomé: INE, 2014, - 96 p.

MARTINS, Izabel Cristina Oliveira. **Palavras: Escrita feminina, lusofonia, áfricas**. 2018. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/anais.php>>. Acesso em: 20/out/2018.

MARTINS, Izabel Cristina Oliveira. Olinda Beja: estórias e história das mulheres das ilhas do meio do mundo. Literatura e estudos feministas: **Anais eletrônicos da XXVI Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE)**, p.191-202.

MATA, Inocência. **Diálogo com as ilhas: Sobre Cultura e Literatura de São Tomé e Príncipe**. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

MATA, Inocência. O pós- colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: X Congresso Internacional da Aladaa (Associação Latino Americana de Estudos de Ásia e África) sobre cultura, poder e tecnologia: África e Ásia face à globalização, 10, 2000. **Anais eletrônicos**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033274/mod_resource/content/1/MATA%20C%20Inoc%C3%Aancia%20-%20O%20p%C3%B3s-colonial%20nas%20literaturas%20africanas.pdf >Acesso em: 04 fev. 2019.

PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley. Exílio, memória e identidade crioula em 15 dias de regresso. **Revista Milba**, n. 1, v.1, out.2015/mar,2016, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

PEREIRA, Ana C. **As mulheres já estão a abrir os olhos**. São Tomé e Príncipe. 4 Mar de 2018. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2018/03/04/sociedade/reportagem/as-mulheres-ja-estao-a-abrir-os-olhos-1804464>>. Acesso em: 10/out./2018.

SANTOS, Thaíse S; RODRIGUES, Inara O. Um canto de santomensidade em Histórias da Gravana, de Olinda Beja. **Revista Crioula**, n.20, p. 337-354, 2º semestre de 2017.

SEQUEIRA, Victória Cecília Almeida. **A situação das mulheres na sociedade santomense: discriminações de gênero e a participação feminina na esfera produtiva**. Porto Alegre, UFRGS, 2010.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TRIGO, Salvato. Prefácio. IN: BEJA, Olinda. **Histórias da Gravana**. São Paulo: Escrituras editora, 2011

UNIVERSIDADE ABERTA. **Entre Nós: entrevista a Olinda Beja**, Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/5261>>. Acesso em 07/jan/2019.

VEIGA, Abel. **Téla Non: Desigualdade de gênero é dominante em São Tomé e príncipe**. 20 Set de 2010. Disponível em: <<http://www.telanon.info/politica/2010/09/20/5309/desigualdade-do-genero-e-dominante-em-sao-tome-e-principe/>>. Acesso em: 10/out/2018.